

Ficção e realidade ás margens do Rio Uruguai: Um olhar fronteiriço sobre A Casa das Sete Mulheres¹

Brandalise, Roberta
Universidade de São Paulo (USP)²

Resumo

Investigamos o papel do consumo cultural nas tensões geradas pelas fronteiras simbólicas das identidades culturais que se articulam na fronteira política entre Brasil e Argentina (estudo de caso nas cidades de Uruguiana –BR e Paso de Los Libres - AR). Destacou-se o consumo da minissérie A Casa das Sete Mulheres e as representações construídas por gaúchos e *gauchos* ao verem a gauchidade representada na televisão brasileira.

Palavras-chave: Identidade Regional; A Casa das Sete Mulheres e fronteira Brasil-Argentina.

Reelaborando realidades vividas

Ao lançar o nosso olhar para a fronteira Brasil-Argentina, consideramos vários aspectos como mediações culturais³, tais como a cultura regional, a cultura nacional, o cotidiano familiar e fronteiriço, a etnia, a memória, a história e a linguagem. Sobressaiu-se a ficção televisiva como uma contumaz colaboradora na construção das representações de brasileiros e argentinos que vivem na fronteira. Por isso, partimos nesse artigo do que entendemos por ficção televisiva.

Para Certeau (1994), o consumo está no cerne da política da vida cotidiana. Uma das características da modernidade era a clara diferença entre a ficção e a realidade, ao entrar no século XX, essas diferenças foram abandonadas. Para Meyer (1996), a ficção gera novas formas de sociabilidade, instituindo valores e padrões de comportamento. Para ela, as narrativas de cunho popular, adaptadas aos veículos de comunicação de massa, geram uma repercussão que ultrapassa os limites dos textos deixando marcas no cotidiano do leitor.

O gênero ficcional é considerado uma matriz cultural, uma mediação e a telenovela como um produto cultural híbrido (Martín-Barbero, 1987). Para Martín-Barbero (1987, p.124), existe um pacto de recepção, ou seja, o receptor reconhece o gênero. De acordo com Motter (2003), a telenovela coloca

¹ Trabalho apresentado ao NP 14 –Ficção Seriada, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 5 a 9 de setembro de 2005, na UERJ/RJ, no Rio de Janeiro.

² Mestranda da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP) e jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: betalise@terra.com.br Telefone: 11 3263 0744

³ Para Barbero (1987, p.233), mediações são os lugares de onde “provém as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade social da televisão”. As interações entre o receptor e o produtor podem ser compreendidas através das mediações, pois elas se constituem em lugares diferenciados, propiciando aos receptores um consumo heterogêneo dos bens simbólicos, de forma que produzem e reproduzem os significados sociais. Compreende-se que mediação seja todo um conjunto de fatores que estrutura e reorganiza a percepção e apropriação da realidade, por parte do receptor.

temas do cotidiano na a ordem do dia das discussões da sociedade. Nesse caso a ficção funciona como pauta para a mídia, alimenta conversas informais da vida cotidiana, propõe debates de amplitude nacional.

Mostrou-se produtivo estudar o consumo de telenovela na fronteira Brasil-Argentina, já que a ficção é um espaço de elaboração da realidade vivida e o melodrama é a estética capaz de amparar uma identidade nacional. Desde que se formam os Estados, as identidades não são mais forjadas por um imperador. A República implica participação, sentimento capaz de unir uma nação em torno de temas. Os Estados sentem a necessidade de preencher o nacionalismo com elementos. Quem faz isso é o melodrama, é a cultura popular.

De acordo com Costa (2002), as mídias analógicas levam à integração, há afetividade porque são à imagem e semelhança da aparência do mundo, entre o público e os personagens há uma relação dialética. Esse ponto de vista nos dá suporte para pensarmos a nosso sistema de hipóteses e, por isso, ficção, melodrama, obra aberta, pacto ficcional e telenovela são termos com os quais precisaremos trabalhar no nível dos conceitos.

Memória, História e Linguagem

A linguagem tem um papel importante na construção de visões de mundo que variam de uma nação para outra, de uma região para outra, de uma idade para outra e até de um gênero para outro. De acordo com Schaff (1974), a linguagem humana, apreendida em função do convívio em sociedade, constitui a base do pensamento, “a base que o liga aos outros membros da mesma comunidade lingüística e na qual se funda a sua criação intelectual e individual”. (Schaff, 1974, p.265-266). Entre o homem e o mundo surge a linguagem intermediando diferentes visões de mundo.

Para Maurice Halbwachs (1990), a interação social é fundamental para o ato de memorizar porque é através da linguagem, um produto social, que a memória se efetiva. O processo comunicacional, que possui em seu bojo uma auto-organização lingüística, aproxima o estudo da linguagem ao da memória. Halbwachs (1990) amarra a memória da pessoa à do grupo, e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Nesta linha de pesquisa, a memória não fica restrita somente à pessoa, mas à relação interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo (família, Igreja, profissão, etc...). Para Halbwachs (1990), lembrar não é reviver, mas reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Na segunda parte de sua obra, Halbwachs (1990) procura apresentar um tipo especial de

memória, que ele chama de “memória histórica”. Halbwachs (1990) defende que não é possível imaginar a história sem a memória coletiva de um povo.

Na contemporaneidade, Le Goff descreve a idéia de uma “revolução da memória” (Le Goff, 2000, Vol.II, p. 54). Neste eixo de pensamento há a renúncia de uma temporalidade linear e a história é feita “a partir do estudo dos lugares da memória coletiva” (Le Goff, 2000, Vol.II, p. 55). Para o autor, “os verdadeiros lugares da história, aqueles onde procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os dominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiência histórica ou de divulgação” (2000, p. 55).

Já que a história imediata é em grande parte fabricada ao acaso pela mídia, como o próprio Le Goff menciona (Le Goff, 2000, Vol.II, p. 54), aproximamos a idéia de lugares da memória coletiva aos estudos de comunicação e entendemos que a mídia é um lugar de construção e manutenção de memória. De acordo com Motter (2003), por exemplo, a telenovela na cultura brasileira, é considerada um lugar da memória coletiva.

Para Motter (2003), a telenovela um centro de reconstrução, produção, atualização e manutenção da memória. Na ficção televisiva, as marcas de uma época estão no cenário, nos comportamentos, nos conflitos “a telenovela demarca o horizonte social de seu momento, os temas que pontuam as preocupações e os valores dominantes naquele período” (Motter, 2003, p.79). Ao considerar a telenovela um lugar de memória e um documento histórico, a pesquisadora está sintonizada com a idéia contemporânea de revolução da memória desenvolvida por Le Goff (2000).

A Casa das Sete Mulheres

Os estudos sobre o cotidiano, as culturas dos povos, a televisão e a telenovela caracterizam a contemporaneidade. A telenovela não é entendida por nós apenas como um fenômeno da TV, mas como um objeto cultural assim como a minissérie que, diferentemente da telenovela brasileira, é uma obra fechada que surgiu querendo conquistar a intelectualidade brasileira, através do resgate da História.

Quando se faz uma minissérie histórica, a História torna-se pano de fundo para a emoção, o romance e o suspense porque não há como cativar o público sem esses elementos. É por isso que as passagens históricas são bem escolhidas, pela sua dramaticidade e, principalmente, pela sua implicância na vida pessoal dos envolvidos nos episódios que escreveram a História do país.

Ao participar do Seminário Ficção e Realidade: A Casa das Sete Mulheres (USP-2003)⁴, Denise Saraceni, co-autora de minisséries, também diz que o público é ávido por saber coisas sobre a sua história. De acordo com a autora, a música, a natureza brasileira, a beleza estética e a história brasileira são muito importantes para compor minisséries. De acordo com Maria Adelaide Amaral, autora/adaptadora de Os Maias, A Muralha e A Casa das Sete Mulheres, quando a TV chega à A Muralha está madura para encarar e expor os perdedores da história como heróis. Para a autora, “Toda a vez que a gente mostra o Brasil para o Brasil, dá muito certo”.

A ficção inspirada na história gera conhecimento e, assim como o historiador, o ficcionista tem que recriar a história para relatá-la. É o caso de A Casa das Sete Mulheres, uma minissérie que segundo a autora trata “sobre as mitologias gaúchas, não exatamente sobre a Guerra”. Para a autora, “parece inútil apontar erros históricos nas obras ficcionais, o importante é debater a memória”. Comenta ainda “a fúria por não coincidirem os cenários das batalhas da novela com os da Guerra real é criticada até por Tabajara Ruas, autor de Barões Assinalados”.

Segundo Maria Adelaide Amaral, o livro que inspirou a minissérie A Casa das Sete Mulheres foi só um ponto de partida, rendia cerca de 24 capítulos e focava apenas as mulheres. Maria Adelaide e Walter Negrão, co-autores/adaptadores, queriam contar também a história dos homens e o romance de Anita e Garibaldi porque eram fonte de fatos sedutores para um ficcionista.

Maria Adelaide conta que era preciso ter um vilão para a trama e foi escolhido o Bento Manuel por ter mudado de lado, além disso, encontrou-se uma nota de roda pé sancionando: “Simões Lopes Neto põe em nota de roda pé que dizia-se que a grande sorte militar e a fortuna de Bento Manuel Ribeiro advinha de um trato com a Tênia-Guá, o diabo vermelho, que se apresentava como um lagarto com um rubi na cabeça ou como uma moura encantada. Aí colocou-se ele como um invejoso mesmo”.

A minissérie A Casa das Sete Mulheres se passa durante os dez anos em que dura a Revolução Farroupilha (1835-1845). Durante esse período, o Rio Grande do Sul foi palco de batalhas, terra de heróis e de vilões, a guerra deixou as suas marcas no curso das vidas e dos amores de quem viveu aquele tempo. A história da minissérie é narrada por uma das sobrinhas de Bento Gonçalves, líder farrapo e herói dos gaúchos que lutavam contra o Império.

As sete mulheres de que fala o título da minissérie são as mulheres da família de Bento Gonçalves. É através delas que a trama mantém as suas características de melodrama, o olhar de

⁴ O Seminário Ficção e Realidade: A Casa das Sete Mulheres, foi realizado em 31/03/2003, durante a exibição da minissérie, pela Comissão de Pós-Graduação da Eca/USP e NPTN (Núcleo de pesquisa de Telenovela) em parceria com a TV Globo. As falas de Maria Adelaide Amaral (roteirista) e Denise Saraceni (Diretora de Produção) são trechos de sua exposição no evento.

dentro, das mulheres que ficam em casa enquanto seus homens vão para a guerra. Elas guardam as memórias dos dramas humanos que geram a identificação do público.

Os personagens

As mulheres

Quando estoura a guerra, Maria (uma das três irmãs de Bento Gonçalves), sai de Pelotas com suas três filhas Manoela, Rosário e Mariana a caminho de Camaquã. Onde se reúne á Caetana, a uruguaia esposa de Bento, sua filha Perpétua e Ana, sua outra irmã, dona da Fazenda da Barra lugar em que todas se refugiam durante dez anos. Ainda em Camaquã, Antônia, a terceira irmã de Bento, é dona da Fazenda do Brejo e, portanto, participa da vida de todas.

Perpétua, filha mais velha de Bento Gonçalves, envolve-se com um homem casado; Manoela, sobrinha mais velha de Bento Gonçalves e narradora da ficção, apaixona-se por um estrangeiro; Rosário, também sobrinha de Bento e irmã de Manoela, cai de amores por um caramuru, como eram chamados os soldados imperiais, portanto, tratava-se de inimigo de seu pai e de seu tio; Mariana, irmã mais nova de Manoela e Rosário,apaixona-se por um índio, tal como a sua mãe quando nova.

Perpétua , muito católica, se penaliza por ter se apaixonado por um homem casado, Inácio, mesmo sem saber que ele era comprometido. A situação piora porque a esposa dele está muito doente e quer tornar-se sua amiga. Inácio resolve ir para a guerra para afastar-se do drama e a esposa dele descobre que ele ama a Perpétua. A pressão psicológica sobre a filha de Bento aumenta com os acontecimentos subseqüentes: antes de morrer, a mulher dele salva Perpétua de um estupro e, ainda, pede para que ela se case com Inácio depois de sua morte.

Ela acaba se casando, Inácio leva um tiro e ela perde o primeiro filho. Isso tudo a leva a acreditar que está amaldiçoada pela falecida. Apesar de tudo o seu final é feliz e ao lado de Inácio.

Mariana engravida de um índio e sua mãe tenta matar o bebê dela com chá abortivo, do mesmo modo como abortou o bebê que carregava de um índio quando era mais nova. Mariana é salva pelas tias, vai morar com a tia Antônia que, ao final da guerra lhe passa a escritura da Fazenda do Brejo. Ela tem um final feliz, ao lado de seu filho e de seu amado índio, João Gutierrez.

Rosário enlouquece em um convento, ela é mandada para lá porque conversa com o espírito de Estevão, já morto há alguns anos. Ela não acredita que ele está morto até que ele mesmo lhe fala, Rosário tenta esquecê-lo e retoma a sua vida, mas resolve voltar para o Convento para ficar com ele. A guerra já havia roubado os seus sonhos de juventude, o seu amor e, com isso, a sua sanidade. Ela termina morta, a fim de se juntar ao seu amado.

Manoela, já desonrada pelo estrangeiro Garibaldi, o perde para Anita, uma catarinense que se torna coragem, mas acaba indo atrás de Garibaldi, termina ajudando a cuidar dos doentes na guerra e faz o parto de Anita. Seu fim é ficar só e contar a épica história daqueles homens e mulheres. Ao contrário do que se passa na ficção, Manoela de Paula Ferreira nunca foi atrás de Garibaldi, apesar de, realmente ter tido um romance com ele. Ela morreu em Pelotas aos 84 anos, era conhecida como “A noiva e Garibaldi”.

Os homens

Bento Gonçalves, Davi Canabarro, Onofre Pires, General Neto, Tito Lívio Zambicari, Giuseppe Garibaldi, Luigi Rossetti, Teixeira Nunes e Afonso Corte Real são os heróis farroupilhas. Bento Manuel Ribeiro é o vilão da história, mudou de lado várias vezes e era apaixonado pela esposa e Bento Gonçalves.

Quanto aos filhos de Bento Gonçalves, o mais velho trabalha como médico nas frentes de combate, ele era apaixonado pela prima, Manoela, que nunca o quis. Ele termina a história com Joana, filha bastarda de Onofre Pires. Outros dois filhos de Bento Gonçalves lutam também ao lado do pai na guerra e iniciam a sua vida sexual com uma índia que trabalha na fazenda de Camaquã.

Manoela enxerga uma “nuvem de sangue sobre os homens da família” e, de fato, três das sete mulheres da família de Bento Gonçalves perderam os seus homens, Maria (irmã de Bento Gonçalves) perde o marido Anselmo, Rosário perde seu amor caramuru Estevão e Ana (irmã de Bento Gonçalves) perde o marido Paulo. Morre também Terêncio, marido de uma das criadas da casa e Afonso Corte Real ex-pretendente de Rosário e de Mariana. Ainda Teixeira Nunes e Luigi Rossetti morrem em combate. Bento Gonçalves morreu dois anos depois que a guerra acabou, de pleurisia, uma doença que o acometeu ainda nos tempos de batalha.

Os lugares

As referências sobre a região de fronteira também aparecem na minissérie, o que facilita a identificação dos fronteirões. A Salamanca do Jarau, ou o Cerro do Jarau onde fica a gruta em que Bento Manoel teria feito um pacto com o diabo vermelho (a Tênia-guá ou a Moura encantada) se localiza entre as cidades de Quaraí e Uruguaiana. Ao final da guerra, Bento Manuel botou fogo na gruta do Cerro do Jarau que ficava nas suas terras.

A cena em que Garibaldi faz a travessia dos lanchões por terra com chuva real foi gravada na região de Uruguaiana, na fazenda dos Ormazabal, família que faz parte dessa amostra, os ascendentes são de origem brasileira e argentina, são fundadores da primeira refinaria de petróleo do país. Muitos

figurantes foram contratados na cidade de Uruguai para participar de algumas cenas. Também é para a fronteira que Garibaldi se dirige no fim da trama. Bento Gonçalves dá 500 cabeças de gado para Garibaldi vender na fronteira e recomeçar sua vida com Anita em Montevideu.

O vento Minuano assíduo freqüentador da fronteira também sopra em A Casa das Sete Mulheres como, por exemplo, na retirada para São Gabriel, como narra Manoela: “O minuano soprava o tempo todo e cortava a carne dos viajantes”. Em outro momento ele aparece como vilão: “O vento minuano fustigava homens e animais”.

Linguagem

A autora tenta dar qualidade estética e literária para a obra e também não faz concessões em relação à linguagem da época. A linguagem usada na minissérie resgata a memória da cultura da região sul do país, bastante marcada pela presença de elementos da cultura castelhana. Um dos aspectos retomados é a mistura dos idiomas português e espanhol através de termos como: *tocayo*⁵; “por Dios”; *arreglado*; *usted*; “desarranjado de juízo”; *prenda*; “mate para nosotros”; “*arregla* um amargo e uma canha”; *estancieiro*; *plata*; *borracho*; *pelear*; “*hasta siempre*”; *buenas*; “Rio Grande tá tapado de barco”.

Ao longo de A Casa das Sete Mulheres, a esposa de Bento Gonçalves, Caetana (nascida no Uruguai), é chamada de Uruguaiana: “Vem conosco Uruguaiana”, “Minha amada Uruguaiana” (Bento Gonçalves para Caetana); “Ele não gosta tanto de você quanto eu Uruguaiana, eu perdi a minha alma pelo amor de usted Uruguaiana”, “Ele não lhe contou que teve outra uruguaiana?” (Bento Manuel Ribeiro para Caetana). De acordo com o dicionário Houaiss, uruguaiana é um termo que foi muito usado no século XIX para designar uruguaios, era um sinônimo.

Uruguaiana, cidade fundada por farrapos que fazia fronteira com o Uruguai e com a Argentina, também é mencionada na minissérie. Sobre a fundação de Uruguaiana, Bento Manuel Ribeiro para Bento Gonçalves: “Ouvi dizer que você está fundando um ponto avançado do Rio Grande na fronteira e até lhe deu o nome de Uruguaiana em homenagem a uma certa senhora”, ao que Bento Gonçalves responde: “Se chama Uruguaiana sim em homenagem a minha mulher”.

Música

Ao contrário da vestimenta típica -chapéu, poncho, botas, vestidos de *prenda*-, a música e a dança regional não ganharam espaço na minissérie, nas festas do alto escalão do exército farroupilha os

⁵ Na ordem: *xará*, pessoa com o mesmo nome de outra; “por Deus”; *arrumado*; *você*; “sem juízo”; *presente*; “*chimarrão para nós*”; “*arruma* um *chimarrão* e uma *cachaça*”; *fazendeiro*; *dinheiro*; *bêbado*; *lutar*; “*estar sempre*”; *bem*; “Rio Grande está cheio de barcos”.

ritmos eram os mesmos que animavam as festas do Império. Quanto á trilha sonora da minissérie, quase todas as músicas compostas por Marcus Viana conseguem levar o telespectador para o clima do lugar e do tempo em que vivem os personagens.

Nas notas da sinfonia platina que abre a minissérie e nos versos “Eu vou no passo do cavalo baixo/.../eu vou no passo de quem vai para a guerra/ por liberdade, honra e terra” se traduzem os sentimentos dos homens da trama. A estrutura emocional das mulheres também ganha acordes: “Sete vidas, sete cruzeiros, sete rosários pedem por nós, sete vidas, sete destinos se fundem num só”. A canção de tecer o tempo também torna-se uma tradução do espírito melodramático.

Gênero: a condição de ser mulher.

“Se rasgares o seu diário é como se a nossa existência não tivesse importância” (Rosário para Manoela)

A Casa das Sete Mulheres questiona a condição da mulher na época do Império através das sinhozinhas da República Rio-Grandense. Bento Manuel chega a comparar a opressão às mulheres da família de Garibaldi com a opressão que o Rio Grande sofre do Império.

Ao negar a mão de Manoela em casamento para Garibaldi, Bento Gonçalves diz: “Nossas esposas ficam em casa, não vão para a guerra. Só as chinas, as lavadeiras, as vivandeiras e as mulheres de soldado raso vão para a guerra. As nossas esposas são fortes, corajosas até o ponto que lhes é exigido”

No aniversário de Perpétua, a mãe de Manoela diz que “Liberdade para os homens é uma coisa, para as mulheres é outra” , ela está censurando a filha no que diz respeito á preservação da virgindade. Ela reproduz o discurso dominante da época sobre a honra da mulher, sendo que ela também foi “desonrada” antes de se casar.

Manoela reconhece a impotência conferida ao gênero feminino naquele tempo: “Prodigiosa sorte nascer homem e ter tanto poder” . Também Mariana reflete sobre a o papel da mulher na sociedade em que viviam, ela diz: “Eu queria ser homem, um soldado farrapo, eles são livres para lutar, embriagar-se e divertir-se com as chinas”

Em um dado momento as moças discutem, Rosário manda Manoela atrás de Garibaldi e, reiterando a concepção de que o mundo fora da Fazenda não é feito para as mulheres, Perpétua pondera “Como uma mulher sozinha, debaixo de chuva, com o Rio Grande em guerra, sujeita a ser roubada, violada....” , ela acaba convencendo a prima.

No universo masculino, o estrangeiro Garibaldi é o único homem capaz de demonstrar espírito crítico em relação aquela sociedade. Seu olhar de estrangeiro percebe as amarras sociais de Manoela, sobre isso ele diz para Anita: “Existem algumas prisões Anita, a família e a classe social são algumas delas”. Em outro momento ele também se refere á Anita como “Uma brava dona, condenada a ser mulher nesse mundo de machos” e, apesar de ela não precisar ser defendida por ninguém, ele a assume como companheira de batalhas tão capaz quanto ele. No entanto, em outro momento ele escorrega. Anita diz para Garibaldi: ”Ninguém manda em mim” e Garibaldi responde: “Mando sim porque tu sei a minha moglie⁶”.

“Eu não tenho vida eu estou morta” Manoela depois de perder Garibaldi, restringindo a sua vida ao homem que ama. Nesse contexto, Rossetti para Manoela “se tornou uma mulher como queremos que as mulheres se tornem depois da revolução”, esperançoso e reformador, o olhar de outro homem estrangeiro.

Quando vai atrás de Garibaldi Manoela diz “Tu não sabes como invejo a liberdade das chinas, elas vão para onde querem e não para onde mandam como nós”. Também Bárbara -filha de um dos generais farrapos, que a rejeitou por ela ter se apaixonado por um padre – diz para Rossetti “Não há diferença entre chinas ou sinhás, a nossa sina é sempre determinada pelos homens”.

Sobre as diferenças entre os papéis sociais do homem e da mulher, Perpétua repreende seu marido quando ele lhe traz café na cama, ela diz: “essa não é tua obrigação meu amor”. Manoela se conforma: “Anita me disse que uma mulher nasceu para parir e amamentar” e Joaquim reitera :“Para isso nasceste dotada para essa missão Manoela”.

Diálogo entre Joana -filha bastarda de Onofre Pires, um general farrapo que abandonou sua mãe para casar-se com uma mulher de posses- e seu pai. Ela quer ser modista (costureira) e o coronel diz que modistas são barregãs (prostitutas). Ela enfrenta: “O destino de uma mulher capaz de se sustentar sozinha é um destino abençoado coronel”. Ele rebate: “Joana, uma mulher só pode ser criada, china, ou freira”. Ela prossegue: “E as preceptoras, as cantoras, as costureiras ou artistas?”. Onofre Pires não arrefece: “Isso é tudo variação de criada ou barregã...não fui eu quem inventou o mundo minha filha”. Em represália, Joana protesta e não vai embora com ele “Então prefiro ficar aqui”.

Até Caetana que tem um casamento feliz, apesar da guerra, em um dado momento questiona o seu marido Bento Gonçalves: “É verdade que te casaste comigo só porque sou filha de um rico estrangeiro”, ao que Bento responde: “Sou louco por ti Uruguaiana”.

⁶ Mulher

Etnia

Outro tema que A Casa das Sete Mulheres traz á tona é o preconceito em relação aos índios, negros e mestiços. Este é mais um aspecto relevante para a nossa pesquisa de campo. A questão dos índios está representada no conflito gerado pelo namoro da sinhazinha Mariana com João Gutierrez, um peão mestiço. Esse relacionamento reproduz o que se passou na vida da mãe de Mariana, Maria, que abortou um filho na juventude e teve seu amor, um índio, assassinado pelo próprio pai.

Sobre João Gutierrez, comenta-se: “Ele é um mestiço, um peão e tu sabes muito bem o que isso representa para sua mãe”. Quando fica sabendo que um índio está enamorado sua filha, a mãe de Mariana se dirige para o namorado da filhada seguinte maneira: “Tu seu bugre, arrume suas tralhas e saia da estância”.

Na época em que viveu o seu romance com um índio, Maria não teve escolha a não ser abortar, resignar-se e casar-se com alguém que seu pai lhe arranjava, ela tornou-se uma mulher amargurada e acaba repetindo o episódio que viveu no caso da filha. Ela tenta dar um chá abortivo para Mariana, também tenta ir embora para Pelotas com a filha a fim de afastá-la de seu índio. Só não consegue porque sua irmã Antônia e sua cunhada Caetana impedem Mariana de tomar o chá e, depois, a caminho de Pelotas ela e a filha sofrem um acidente de charrete. Mariana acaba indo morar em outra fazenda com sua tia Antônia.

A problemática dos negros também é abordada na minissérie através da trajetória da Revolução Farroupilha. A questão dos negros era sempre um obstáculo para fazer acordo de paz com o Império, liderados por Teixeira Nunes e pelo General Neto, os negros avolumavam os exércitos farroupilhas, lutavam pela República e pela promessa de que quando a guerra acabasse alcançariam a liberdade. Bento Gonçalves para Mena Barreto diante de uma das propostas de paz diz: “Receio que a paz seja indissociável da abolição”.

A contraditória Batalha de Porongos, uma das últimas da epopéia farroupilha, é narrada na minissérie: “o corpo de lanceiros negros não fugiu, ao contrário, lutou sua última e gloriosa batalha como que iluminados por algum deus africano. Para contar a história dessa batalha houve quem dissesse depois que se tratava de um plano para liquidá-los uma vez que a questão dos negros era sempre um impasse nas negociações de paz”.

Memória, História e Rivalidades

A Casa das Sete Mulheres não é uma narrativa oficialista, a ficção mostra para o Brasil a história dos perdedores, os heróicos defensores da República e da Abolição no sul do país, causa essa que em um momento ou outro foi de brasileiros de todas as regiões do Brasil. Os levantes contra o

Império eclodiram por toda parte e, embora, tivessem estopins distintos, com as cores regionais, acabavam tornando-se uma luta republicana e/ou abolicionista.

Mesmo assim, sobre a veracidade de seus propósitos e heroísmo, Bento Manuel questiona Bento Gonçalves. Diz que ele é estancieiro, precisa de charque, escravos, diz que ele é “fiel ao império no coração e mesmo assim diz sim á estrangeirada e a Neto”. Neto e Garibaldi, republicanos e abolicionistas convictos.

É preciso ressaltar que um dos temas mais marcantes no resgate da memória dessas lutas é a relação entre brasileiros e castelhanos, principalmente a representação que os gaúchos tinham dos castelhanos. Esse aspecto é útil para a nossa pesquisa de campo que trata de argentinidades e brasilidades, seria interessante descobrir como brasileiros e argentinos que vivem na fronteira reelaboraram as representações de brasileiros e castelhanos na minissérie.

Quando descobre-se que Bento Gonçalves fez um acordo de cooperação com Rivera, do Uruguai, houve uma cisão entre os farroupilhas. O interesse de Rivera era poder contar com os homens de Bento Gonçalves para proteger-se de um possível ataque de Rosas, da Argentina. Já Bento Gonçalves justifica que fez esse acordo apenas para poder escoar a produção do Rio Grande do Sul por Montevideú e para conseguir armas e ajuda financeira.

Davi Canabarro, um dos generais farrapos, protestava “A mim repugna por demais conluio com os castelhanos”, ao que Bento respondeu “A mim também”. Fica claro que argentinos, uruguaios não eram bem vistos nem pelo presidente da República Rio-Grandense que, apesar desse comentário, era casado com uma uruguaia. General Neto também censura a decisão de Bento: “Que diabo de república é essa que assina acordo com os inimigos dos imperiais dando as costas para o resto do Brasil?”. Ainda outro líder farrapo comenta: “Há anos a gente peleia contra essa corja traiçoeira”. Onofre Pires conta para Bento Gonçalves que “Em Porto Alegre não se fala em outra coisa: que preferiu dar as costas ao Brasil do que se aliar aos bostas dos castelhanos”. Por fim, o próprio Bento Gonçalves chama a sua aliança com os castelhanos de “alianças espúrias e indigestas”.

Do lado imperial, a aliança da República Rio-Grandense com Rivera também causa espanto, Mena Barreto, um dos líderes dos exércitos imperiais, comenta: “Quem diria que Bento Gonçalves se aliaria aos castelhanos?”, ao que Bento Manuel Ribeiro, agora já do lado dos imperiais, responde: “A mulher dele é uruguaia talvez daí venha a simpatia dele pelos castelhanos”

O desenrolar da história mostra que, na verdade, o plano de Rivera era atacar a Argentina e para isso ele precisava do Rio Grande. Bento diz que “Rivera deve estar louco, 500 homens e 200 cavalarianos para ajudar o Uruguai a invadir Entre-Ríos (Argentina)”. Sobre a proposta de Rivera, Madalena A guilar, enviada do presidente uruguaio e ex-namorada de Bento Gonçalves, afirma que

“Rivera se comprometeu a vestir e (...), Rivera garante á República do Rio Grande livre navegação no rio Uruguai, uma via para escoar os produtos do Rio Grande”. O Rio Uruguai era a esperança de contato do Rio Grande com o mundo.

A cultura regional e A Casa das Sete Mulheres

Depois do Mercosul, os fronteiros passaram a reproduzir de forma mais veemente os conflitos entre suas federações, reforçando o sentimento de zeladores de suas pátrias e sublinhando as diferenças no cotidiano interfronteiriço. Na articulação das diversas identidades que se movimentam na região fronteiriça em questão, a identidade regional parece estar enfraquecida, mas segue constituindo o imaginário de uruguaianenses e librenhos. É a cultura regional comum que resgata as semelhanças entre brasileiros e argentinos daquele lugar, colocando-os na mesma condição de gaúchos da fronteira.

Os hábitos comuns da cultura regional ainda ajudam a estabelecer relações sociais interfronteiriças. A tradição alimentar, o churrasco, o chimarrão, o cordeiro e o arroz, a música e dança, em especial o Chamamé e eventos tradicionalistas, como a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, são importantes para auto-definição dos brasileiros e dos argentinos da fronteira.

Independente da nacionalidade dos fronteiros parece substancial a identificação com o imaginário regional no que diz respeito á apropriação da minissérie A Casa das Sete Mulheres, uma ficção brasileira que foi consumida por brasileiros e argentinos que vivem na fronteira Uruguaiana-Libres. Esse assunto surgiu no depoimento de uruguaianenses e librenhos quando lhes era perguntado sobre como é o gaúcho que aparece na televisão.

Ao investigar o papel da ficção televisiva brasileira na construção das representações de brasileiros e argentinos, descobrimos que diferentemente das telenovelas -obras abertas que parecem ajudar a construir a imagem da mulher brasileira e da família brasileira para os argentinos, a minissérie A Casa das Sete Mulheres surge nos depoimentos dos entrevistados librenhos para ajudá-los a definir o que é ser *gaúcho*. Foi com freqüência que, entrevistados argentinos apropriaram-se de personagens masculinos da minissérie para descrever o *gaúcho* como quem exalta um mito de bravura e honra.

Entre os brasileiros, em alguns momentos a minissérie aparecia como uma referência contrastante com a realidade histórica regional, como quando contestam alguns aspectos da trajetória da personagem-narradora (Manoela) que de fato existiu e os locais de algumas batalhas. Em outros momentos, A Casa das Sete Mulheres é retratada como uma forma de mostrar para todo o país os hábitos do povo gaúcho e, principalmente, a força de suas mulheres. Ao descrever a mulher gaúcha, alguns uruguaianenses homens e mulheres, embora mais mulheres, usam exemplos de personagens da minissérie, descrevem a gaúcha como destemida, corajosa e forte.

Ambos, brasileiros e argentinos, afirmaram que o gaúcho verdadeiro é o “gaúcho de fora”, aqueles que trabalham e vivem no campo. No geral, os principais traços característicos utilizados pelos entrevistados para avaliar a aparição do gaúcho na televisão são o sotaque, a indumentária e a valentia.

Em campo, ouvi que “O gaúcho é um herói” e que *‘Los gauchos siempre fueron heroicos’*, os homens dos dois lados da fronteira identificavam-se com a figura de Bento Gonçalves, seus padrões políticos e morais. Os homens da fronteira não identificavam Manuela como a heroína da história, preferiam Anita, embora alguns não a identificassem como catarinense e sim gaúcha.

As mulheres recuperam a memória de suas tradições familiares em que o gênero feminino sempre foi provedor de infra-estrutura para as guerras, comparam-se com as sinhazinhas da família de Bento Gonçalves no que diz respeito ao caráter e coragem. Mas distinguem suas antepassadas como mais trabalhadoras porque a falta de recursos lhes impedia de ter empregados. Comentam que a mulher gaúcha sempre teve gosto pelas questões de política, mas pontuam diferenças entre a ficção e a realidade “Na verdade, não se comentava sobre assuntos militares na presença de moças”(Ana Maria, 43).

Ao mesmo tempo em que exaltam o valor da mulher gaúcha em tempos de guerra, dizem que ainda hoje se vê esse tipo de bravura no ambiente doméstico, na tentativa de criar os filhos e manter casamentos. Pontuam questões relativas à disciplina imposta para as moças, dizem que de fato suas parentes ficavam confinadas dentro de casa ou iam para conventos assim como na minissérie. Mas ainda consideram que a vida real era mais dura do que na ficção, por causa do recato exigido até nas vestimentas “Na minissérie elas andavam de cabelos soltos e com muitos decotes, as mulheres de bem evitavam esse figurino” (Sílvia, 52).

A origem do nome da cidade de Uruguaiiana também virou tema de conversas nos restaurantes e cafés de Uruguaiiana e de Paso de los Libres “Afinal trata-se da mistura que aprendemos na escola primária: Uruguai +y (rio)+_Ana (de Nossa Senhora de Santana, padroeira da cidade) ou é mesmo uma homenagem à Caetana, mulher do Bento?”.

Librenhos e uruguainenses dizem ter ficados emocionados com a gravação de algumas cenas na cidade de Uruguaiiana, isso reanimou a memória local, afinal Uruguaiiana é uma filha diletta dos Farrapos e Paso de Los Libres foi fundada em seguida, as famílias que se envolveram no conflito recuperaram seu charme como guardiãs das tradições da região e as escolas dos dois lados da fronteira exploraram o tema para trabalhar com História e para discutir as rivalidades entre Brasil e Argentina.

Os argentinos inflamam suas exposições quando relatam que a minissérie mostra os brasileiros se referindo a eles como “bostas”, dizem que há muitos brasileiros que ainda pensam assim dos argentinos. Defendem Bento Gonçalves por ter feito acordo com a Argentina, dizem que era um

homem de visão, “um grande herói” porque sabia que a causa Farrapa não teria sucesso sem o apoio argentino “*de suyos hermanos gauchos*”. Já os brasileiros se referem ao episódio com humor e ironicamente lamentam a aliança, mas reconhecem-na como necessária. De parte á parte, acredita-se que Brasil e Argentina eram oficialmente inimigos, alguns dos entrevistados lembram que quando prestaram serviço militar, foram treinados a defender-se de invasões argentinas e vice-versa.

Os argentinos mostraram-se satisfeitos com o uso do espanhol em várias expressões de linguagem, mas tanto argentinos quanto brasileiros compararam os hábitos de linguagem da época com os dias de hoje em que há mais preocupação em distinguir-se brasileiros de argentinos e uruguaios: “Há muitas coisas que conhecemos pelo mesmo nome, mas não é mais tão bonito, não é todo mundo que aceita a mistura” (Álvaro, 46).

A música da minissérie parece ter deixado á desejar, gaúchos e *gauchos* comentam que faltaram músicas regionais que falam sobre a alma gaúcha; alguns sentiram falta da figura do payador, espécie de repentista que travava duelos de composição; além disso, comentam que apareceu pouco das danças nativas.

O tema étnico só é comentado quando se pergunta por ele, na Argentina reconhece-se que o *gaucho* é descendente da mestiçagem entre os índios charruas e os espanhóis, mas do lado brasileiro, os entrevistados, no geral, não se reconhecem como descendentes de índios, uma mulher comenta “A maioria da índias aqui da fronteira eram chinas e mulher branca com índio era uma heresia” (Francisca, 58). Quanto aos negros, a idéia de que a batalha de Porongos foi um plano para liquidá-los é bastante conhecida entre os entrevistados, principalmente entre brasileiros.

Referindo-se á A Casa das Sete Mulheres, Motter escreveu “(...) sua contribuição está em preencher as lacunas deixadas pela historiografia e inclusive, em muitas situações, servir-lhe de complemento, posto que cada uma persegue diferentes objetivos (...)” (Motter,p.88, 2004). Ao tentar surpreender as representações formuladas por gaúchos e *gauchos*, ao verem sua própria cultura e história retratadas na televisão, percebemos que esse bem simbólico articulou as memórias das sociabilidades passadas e presentes entre argentinos e brasileiros, as memórias de costumes e outros elementos de sua cultura regional. Uma cultura que parece fazê-los lembrar que talvez sejam mais parecidos do que diferentes.O acompanhamento da minissérie, suscitou diálogos variados entre brasileiros e argentinos já tão tediosamente acostumados a enxergarem-se apenas através do prisma dos problemas de natureza econômica e futebolística. A saga farrapa, de amor e guerra, pareceu aproximar brasileiros e argentinos.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. & VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem** São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. As artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, C. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: Senac, 2002.

HALBAWCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Vol. I e vol.II. Lisboa: Edições 70, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. M. **De los Medios a las mediaciones**. Mexico: GG Mass Medeia, 1987.

MEYER, M. **Folhetim**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Rio de Janeiro: Record, 2003.

MOTTER, M. L. **O que a ficção pode fazer pela realidade?** In: **Comunicação & Educação**, 26. São Paulo: USP; Moderna, jan./abr. de 2003, p.75 a 79.

MOTTER, M. L. **Argumentos para o estudo da ficção A Casa das Sete Mulheres: ficção, realidade e história**. In: **ECO-PÓS** – publicação da pós-graduação em Comunicação e Cultura, v.7, n.1. São Paulo: USP; jan./ jul. de 2004, p.85 a 99.

SCHAFF, A. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974.